

EPIFANIA E PELICANO: UMA POÉTICA-MÍSTICA SOBRE DEUS

EPIPHANY AND PELICAN: A MYSTICAL-POETIC ABOUT GOD

Kellen Borges¹

Resumo: Esta pesquisa, de uma forma geral, é um dos trabalhos que foram produzidos através dos estudos e pesquisas que são desenvolvidos no grupo de pesquisa da Universidade do Estado do Pará (UEPA) intitulado: Religião e Mística. Dessa forma, para as discussões desse artigo, como objetivo geral temos: refletir algumas contribuições a respeito da mística. E como específicos: apresentar e desenvolver uma discussão sobre mística e poesia, a partir de dois poemas intitulados: *Epifania e Pelicano* — que são de autoria da poeta Adélia Prado. A produção poética de Prado é repleta de manifestação do divino, consciência dessa presença e compreensão dessa revelação, arguições ontológica, teológica e de teor místico — tendo como plano de fundo a poesia como ferramenta de entendimento. Esta é uma pesquisa de perspectiva bibliográfica e de cunho hermenêutico, onde autores como Michel de Certeau, Henrique Vaz, Bernard McGinn e Juan são os referenciais teóricos desse artigo para apresentarmos conjecturas aos poemas que selecionamos.

Palavras-chave: Mística; Poesia; Deus.

Abstract: This research, in a general way, is one of the works that were produced through the studies and researches that are developed in the research group of the Universidade do Estado do Pará (UEPA) entitled: Religion and Mysticism. Thus, for the discussions of this article, as a general objective we have: to reflect some contributions regarding the mystic. And as specific: to present and develop a discussion on mysticism and poetry, from two poems titled: *Epifania e Pelicano*—which are authored by the poet Adélia Prado. The poetic production of Prado is replete with the manifestation of the divine, an awareness of this presence and comprehension of this revelation, ontological, theological and mystical in nature — having as background the poetry as a tool of understanding. This is a research of bibliographical and hermeneutical perspective, where authors like Michel de Certeau, Henrique Vaz, Bernard McGinn and Juan are the theoretical references of this article to present conjectures to the poems that we have selected.

Keywords: Mysticism; Poetry; *Other*.

Artigo submetido em 08/03/2017. Aprovado em 04/05/2017.

¹ Graduada em Ciências da Religião. Bolsista pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisa (FAPESPA) no Programa Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Membro do grupo de pesquisa: Religião e Mística. Email: kellen.borges@hotmail.com

Considerações iniciais

Na atualidade, observamos que o estudo da experiência mística se intensificou de tal forma que o número de pesquisas nesse tema aumentou significativamente. Desde meados do século passado, as contribuições dos estudos relacionados a essa temática têm proporcionado novas formas de pensar esse fenômeno, dando ênfase aos relatos de teor místico. A partir de uma perspectiva multidisciplinar, encontramos Michel Certeau, Bernard McGinn, Henrique Vaz, Juan Velasco como alguns dos pesquisadores que ofereceram novas contribuições para refletirmos o tema da mística.

Tendo como base as contribuições de De Certeau (1982; 2015), Velasco (2004), Vaz (2015) e McGinn (2012), este artigo procurou organizar breves apontamentos sobre a mística. O intuito de oferecer isso parte da compreensão de que é necessário apresentar algumas discussões e problemas que giram em torno da temática. Por meio desses autores, temos a pretensão de realizar um diálogo interdisciplinar a respeito do *Outro*, como uma ideia que relaciona a alteridade que tem a *dizer* ou *revelar* algo (CERTEAU, 1982; 2015), e da mística, como uma experiência inefável, que pode ser relacionada com uma hierofania para o indivíduo religioso que é *consciente* da presença dessa divindade em sua vida (MCGINN, 2012).

Ao disponibilizarmos essas instâncias teóricas, poderemos posteriormente desenvolver uma discussão sobre mística e poesia a partir de dois poemas, intitulados como: *Epifania e Pelicano*, ambos de autoria da poeta mineira Adélia Prado. Em tais poemas é possível observar relatos de contemplação, compreensão e acesso do mistério e uma consciência da presença de Deus no cotidiano adeliانو.

1. Breves contribuições aos estudos sobre mística

A experiência mística, “de acordo com o estatuto dado então às obras literárias ‘místicas’, ou de acordo com a teoria que elas fazem de si mesmas, trata-se de dizer uma experiência chamada ‘inefável’” (CERTEAU, 1982, p. 248). Essa experiência ofereceria àquele que a desfruta não apenas uma vivência desse inefável, mas também um discurso teológico que transgrediria algumas interpretações proposto pela própria religião enquanto instituição.

Nesse sentido, a mística parece indicar um limiar que ao mesmo tempo em que coexiste na esfera dos dogmas, também pode propor novas interpretações teológicas.

Os textos que foram produzidos a partir das experiências com o inefável são elementos de extrema importância dentro das contribuições de Michel de Certeau, pois nesses discursos é possível verificar que está grafada a fala *do outro* — ou do *Outro*. Essa *fala* seria uma característica chave para se compreender o discurso dos místicos, que falam por si — a partir de suas experiências — e falam pelo *Outro*, enquanto que este tem algo a dizer. Esse *outro* pode ser compreendido pelo menos de duas formas: 1) quem vivenciou tal experiência, a pessoa, o indivíduo — *outro*; e 2) uma alteridade podendo ser traduzida como uma divindade — *Outro*. (CERTEAU, 1982; 2015).

Nas pesquisas de Certeau, essa atenção à *fala do outro* — enquanto sujeito — oferece uma abordagem inovadora, que podemos considerar como uma hermenêutica da escuta (CERTEAU, 1982; 2015). Essa característica também é possível ser observada em suas reflexões especificamente sobre a mística. Propor a relevância devida às falas do *outro* que expressa à experiência mística é considerar o que de fato ele ou ela exprime dessa experiência. Quando consideramos essa fala, percebemos que, ao mesmo tempo em que os discursos parecem apontar similaridades entre si, se distinguem também em outros aspectos, como por exemplo, o contexto em que foram ou estão sendo produzidos, ou o tipo de abordagem.

As considerações iniciais que precedem brevemente a introdução geral do livro *A Fábula Mística* (2015) apontam reflexões interessantes do método de estudo proposto por Michel de Certeau. Como um tipo de alerta, o autor frisa que gostaria de evitar, pelo menos de início, o relato da experiência mística que aponta “o ‘prestígio’ (impudico e obscuro, em seu caso) de ser tomado por um discurso confirmado por uma presença, autorizado a falar em seu nome” (CERTEAU, 2015b, p. 1). Nesse sentido, a característica que os místicos ressaltam em seus textos de serem tomados, ou transformados em instrumentos para proferir, por exemplo, uma hierofania não será abordada de princípio.

Os comentários da introdução elencam pontos que estariam relacionados à experiência mística, tais como, o desejo pelo *Único*. Compreendido como uma busca pelo *ausente*, esse Único não estaria mais nem no céu nem na terra, mas talvez habitasse “a região de uma terceira estranheza”, e seria para esse lugar que os discursos dos místicos instituiriam seus leitores. Nesse sentido, teriam os antigos autores inserido uma “linguagem e uma

‘nostalgia’ relativa a essa outra região”, e, ainda mais, eles articulariam uma “estranheza de nosso próprio lugar, e, portanto, um desejo de partir” para o local do qual eles ponderam suas saudades, ainda que esse espaço o seja estranho, um mistério (CERTAU, 2015, p. 2-3).

Após essas breves considerações sobre o místico e sua experiência, o autor gradativamente começa a oferecer sua abordagem metodológica: *a quadratura da mística*. Partindo da ideia que iria indicar algumas interrogações frente à sua abordagem, que considera as relações de uma “mística ‘moderna’ com uma nova erótica, com uma teoria psicanalítica, com a própria historiografia, enfim, com a ‘fábula’ (que remete simultaneamente à oralidade e à ficção)” (CERTAU, 2015, p. 4).

Ainda que a formação desse quadro multidisciplinar ofereça uma abordagem para tratar o tema da mística, o autor frisa que a colocaria “em torno da linguagem mística codificações que ela ultrapassa. É uma forma que sua matéria excede”. Embora ele reconheça que a mística conseguiria se desvincular da abordagem que ele propõe, “pelo menos, a explicação” para os seus “interesses” circunscreveria o quadro que possibilita “produzir uma representação” desse tema (CERTAU, 2015, p. 4-5).

Em linhas gerais, o autor então procura refletir através do método histórico sobre o tema da mística, sua passagem para uma categoria erótica, e como o corpo passa a ser um elemento importante nessa experiência e nos discursos sobre ela. Por meio de uma teoria psicanalista, organiza cogitações críticas a respeito dos métodos teóricos (ele se refere, pelo menos na introdução, às abordagens freudianas e lacanianas) que foram utilizados para explicar tais experiências. Suas discussões também perpassam pela categoria *fábula*, um termo que seria relativo aos relatos encarregados de simbolizar uma sociedade; seria também uma ficção que narra algo, mas que é preciso que o próprio escritor ofereça sua interpretação de sua obra (CERTAU, 2015).

Embora as pesquisas de Certeau tenham possibilitado novas formas de tratar e compreender os discursos sobre a mística, conceituar essa vivência continuando sendo uma tarefa que demanda muita atenção por causa da complexidade desse fenômeno. Mediante as problemáticas em torno de se propor um tipo de conceitualização à apreensão individual de uma experiência com o inefável — que passaremos agora a associar com a categoria da “hierofania” proposta por Michel Eliade (1992, p. 13), que quer indicar “o ato da manifestação do sagrado” —, procuramos destacar algumas informações a respeito dessa experiência indizível com a hierofania (ou *Outro*) que também é mencionada como experiência mística.

A etimologia da palavra *mística* seria uma transcrição do adjetivo grego *mistikós*, que se derivaria da raiz indo-europeia *my* e que, por sua vez, é encontrada em *myein*, que vem a significar “fechar os olhos”, “calar-se”. Tais características oferecem suporte ao termo “mistério” e possibilitam também que se fale daquilo que é oculto, sobre o qual não se pode falar (VELASCO, 2004, p. 16). Ainda que essa definição ofereça um conhecimento do que se trata a mística, essa informação continua um tanto vaga para se aplicar por completo aos estudos sobre a mesma.

Essa definição pode ser inserida mais como um suporte de conhecimento do que propriamente uma característica para se observar nos discursos de teor místico. Se considerarmos que existem diferentes tipos de relatos tendo como base tais experiências, perceberemos que também há diferentes definições produzidas pelos próprios autores místicos. Embora possamos encontrar similaridades em alguns relatos através de estudos comparativos, esse não é o foco deste artigo.

A partir de outras abordagens, Henrique de Lima Vaz também destaca a importância dos relatos daqueles que tiveram experiências com a hierofania (*Outro*). Segundo Vaz (2015, p. 15), os místicos seriam “os primeiros *teóricos* da sua própria experiência”, e os pesquisadores deveriam seguir as pistas deixadas nessas produções que também recorrem a descrições e até mesmo especulações das próprias experiências apreendidas por essas pessoas. Ao destacarmos isso, observamos um número surpreendente de relatos a respeito do acesso ao mistério. Ao reconhecer a vastidão de literaturas que já foram produzidas, e continuam sendo, podemos verificar muitos discursos e definições dessa experiência em diferentes tradições religiosas.

Assim como Michel de Certeau e Henrique Vaz ressaltam a importância do que está sendo *dito* pelas pessoas que relataram experiências profundas com uma hierofania — que *faz dizer* ou *diz* algo ao seu emissor algo apreendido, mas de difícil comunicação, onde a linguagem simbólica se mostra como uma ferramenta que possibilita a expressão dessa vivência —, Bernard McGiinn oferece aos estudos a respeito da mística uma discussão tendo como uma das bases principais para as suas reflexões a seguinte citação de Teresa d’Ávila:

Eu costumava vivenciar, às vezes, como já disse, de uma forma elementar e mui fugaz, o que passarei chamar a descrever. Enquanto visualizava Cristo do modo que já mencionei, e às vezes mesmo quando lendo, eu costumava vivenciar inesperadamente, uma consciência da presença de Deus de tal

monta que eu não podia sequer duvidar de que ele estivesse dentro de mim ou de que eu estivesse totalmente engolfada nele.

(SANTA TERESA in MCGUINN, 2012, p. 13)

É dessa citação de Teresa d'Ávila que Bernard, na introdução de seu livro intitulado *As Fundamentações da Mística* (2012), alega que a pesquisa a qual está desenvolvendo tem entre seus objetivos discursar a respeito da “consciência da presença divina” (MCGUINN, 2012, p. 13). Em meio a reflexões, críticas e propósitos, o estudo desse pesquisador possibilita uma forma diferente de lidar com o tema da mística.

Os estudos desse pesquisador têm trazido formas inovadoras de tratar o discurso sobre a hierofania. Entre suas contribuições, encontramos três aspectos ponderados pelo autor a respeito da mística: 1) “mística como parte ou elemento da religião”; 2) “mística como um processo ou modo de vida”; e 3) “mística como uma tentativa de expressar uma consciência da presença de Deus” (MCGUINN, 2012, p. 16).

O terceiro apontamento se enquadra melhor nas discussões desse artigo, pois dele podemos refletir que essa consciência da presença de Deus seria a certeza, ou o momento convicto da presença de tal deidade — ou desvelamento do mesmo —, que possibilita compreensões quase que indizíveis. Ao pensarmos através da perspectiva de De Certeau, poderíamos então relacionar essa divindade como um *Outro* (por ser uma alteridade) que se manifesta (hierofania) a inúmeros indivíduos de inúmeras formas e jeitos, sendo essas pessoas dotadas da capacidade de exprimir tais vivências.

2. A poética-sobre-o-outro: uma consciência da presença do divino

É pretensioso querer abordar temas (*Outro*, hierofania e consciência) que demandam um maior aprofundamento. Mas se pensarmos que tais temáticas podem coexistir no mesmo espaço, então é possível realizar uma investida hermenêutica a partir de poemas selecionados, onde possamos observar: a experiência de contemplação, o acesso ao mistério, compreensão do mesmo e a consciência da presença da hierofania.

Sendo assim, procuramos oferecer a poética-sobre-o-*Outro* tendo como base a poeta Adélia Prado, uma produtora de um discurso (por meio da poesia) que é consciente da presença do divino em seu cotidiano, no qual a hierofania se revela. Antes de irmos para os

poemas, primeiro é necessário que seja feita algumas considerações a respeito da poeta Adélia Prado e seus poemas.

2.1. Adélia Prado: *tudo que sinto, esbarra em Deus*²

Nascida em 13 de dezembro de 1935 no município brasileiro de Divinópolis, Minas Gerais, a professora e filósofa de formação Adélia Prado é também escritora e já agraciou o público com poesias e prosas. No cenário de literatura brasileira, Adélia Prado estreou com o livro de poesias intitulado *Bagagem*, que foi publicado pela primeira vez em 1976, e o mais recente publicado tem por título *Miserere* (2013).

Ao observarmos a partir de um contexto amplo, os poemas de Adélia Prado estão inseridos em período no qual: a instituição cristã perdeu boa parte de seu poderio e outras tradições religiosas começaram a emergir ou surgir; um elevado número de manifestações religiosas coexiste em um mesmo espaço em que alguns discursos propõem secularização e laicidade; avanços tecnocientíficos, globalização e outros elementos que caracterizam a contemporaneidade. Em meio a esse ambiente, os poemas adelianos surgiram abordando temas e compreensões relacionados ao seu cotidiano, por exemplo: questões do âmbito familiar, matrimonial, da feminilidade, ontológicas, teológicas, assim como também da política e do social.

Os poemas adelianos expressam uma capacidade de enxergar situações, pessoas, objetos, animais e lembranças para além do trivial. Mas essa característica é ainda mais complexa se observada através dos estudos da mística, pois é um trivial repleto de beleza cotidiana, e isso nos acarreta um tipo de paradoxo: como é possível observar o trivial repleto de beleza cotidiana? Os poemas adelianos expressam essa capacidade enaltecendo a vida do jeito que ela se apresenta, pois o divino estaria nesse *locus* despertando a poeta a inúmeros entendimentos que são compreendidos através do recurso poético. Nesse sentido, poderíamos cogitar que a poesia seria então uma poderosa ferramenta de dilatação do conhecimento adquirido por Adélia Prado através de suas experiências com a realidade que circunda.

Em seus poemas são expressas as experiências de consciência da presença de Deus — o responsável por essas apreensões inusitadas. Nos seguintes versos, observamos a relação

² Citação que consta como um tipo de epígrafe no livro *Poesia Reunida*.

entre Deus e a poeta (que está consciente dessa presença da deidade): “De vez em quando deus me tira poesia. / Olho pedra, vejo pedra mesmo.” (PRADO, 1991, p. 199); ou ainda, “Sei que Deus mora em mim / como sua melhor casa. / sou sua paisagem, / sua retorta alquímica / e para sua alegria / seus dois olhos. / Mas esta letra é minha” (PRADO, 1999, p. 73). Embora existam outros versos que revelam essa relação, ficaremos por enquanto apenas com estas estrofes para refletirmos que a deidade, enquanto um tipo de alteridade (*Outro*), se revela (hierofanicamente) à poeta através de coisas presentes no cotidiano da mesma.

A pedra deixa de ser simplesmente uma pedra por meio da poesia. Isso ocorre mediante a permissão da deidade que compreende tudo e todos a partir de suas reais formas, formas essas que são misteriosas à humanidade. Deus, como uma alteridade, ofereceria à Adélia a poesia como instrumento que ajudaria compreender o Ele revela (*diz*) sobre as coisas. Essa revelação seria de fácil apreensão cognitiva para o sujeito-religioso (a poeta) e de difícil comunicação, no entanto, a poesia parece ser um espaço que agrega forma de dizer o indizível. Poderíamos também refletir que, ao propor à poeta que enxergue as coisas por meio da poesia, Deus, como uma alteridade, ofereceria que ela acessasse o mistério.

Da produção poética de Adélia Prado, podemos então encontrar uma série de objetos interessantes de pesquisas. Entre eles, podemos destacar a relação entre mística e poesia. Mediante as contribuições tanto De Certeau, Vaz e McGiin, que de modo geral deixaram como legado a possibilidade de refletir a *fala* do místico ou de *quem* escreve texto de teor místico, passaremos então a destacar as *falas* de Adélia Prado como *alguém* que escreve poesia com sua própria letra, abordando a consciência de que Deus se revela no cotidiano da mesma. Nesse sentido, a citação abaixo, que foi retirada de uma entrevista, aponta a compreensão que a poeta tem a respeito da relação entre mística e poesia:

Mística e poesia são fenômenos que procedem da mesma nascente. Não vêm da lógica da razão e se expressam em discursos intercambiáveis: um texto místico tem a atmosfera poética, o texto poético respira mística independentemente da confissão religiosa do poeta ou mesmo de seu ateísmo. Usa paradoxos, metáforas, fala de sentimentos, de experiências e não de pensamentos. São fenômenos vivos

(PRADO, 2011, p. 214)

Em entrevista, Adélia alega que *mística e poesia* seriam fenômenos que nasceriam de uma mesma fonte. Ambas se relacionariam, mesmo que o autor não tivesse a pretensão de uni-las, pois, assim como o texto místico é envolto de poesia, a poesia também estaria repleta

de mística. Entre os elementos que faz essa coexistência entre mística e poesia, encontramos o estilo de escrita que os autores utilizam para exprimir tanto a mística como a poesia: as figuras de linguagens. Tanto os textos místicos quanto os poéticos, ou ainda, produções místico-poético, são tecidos através dessas linguagens.

Na perspectiva de Michel de Certeau (1982, p. 170), “na impossibilidade de poder dispor de enunciados que lhe sejam específicos, o místico se exprime por uma *maneira* particular”. Essa maneira única tem como base os recursos que a linguagem oferece ao emissor, como por exemplo, as figuras de linguagem. Nesse sentido, os discursos dos místicos são ensaios sempre em busca de palavras e frases que comuniquem o mais próximo possível a experiência com o indizível.

Nos poemas adelianos, é possível verificar elementos religiosos dos quais poderíamos até traçar discussões a respeito de sua experiência religiosa, no entanto, o interesse maior nesse momento está no fato de que sua lírica abre espaço para que seja possível refletir sobre a mística. Mas de que forma? Ao partirmos da ideia de que Adélia Prado é uma poeta consciente da presença do divino. Logo, alguns de seus poemas apontam para o momento em que ela se deparou com essa consciência da hierofania e discursou sobre a mesma liricamente. Sendo assim, para discutirmos essas questões, selecionamos dois poemas para observarmos a poética-sobre-o-Outro, o primeiro intitulado de *Epifania* e o segundo *Pelicano*.

2.2. Epifania e Pelicano: a consciência da presença do Outro

O poema *Epifania* pertence ao livro *Bagagem*, que foi publicado pela primeira vez em 1976. Nesse poema, o título já oferece uma interpretação do qual podemos relacionar ao universo religioso, especialmente com o cristianismo. Intitulada como *A Epifania do Senhor*, na tradição cristã, segundo o catecismo da Igreja Católica, se refere à “manifestação de Jesus como Messias de Israel, Filho de Deus e Salvador do mundo” (2003, p. 148). E a partir da etimologia, “epifania” é um termo que corresponde a um tipo de aparição ou manifestação divina. Antes que nos aprofundemos, vamos ao poema:

Você conversa com uma tia, num quarto.
Ela frisa a saia com a unha do polegar e exclama:
‘Assim também, Deus me livre’.
De repente acontece o tempo se mostrando,
espesso como antes se podia fendê-lo aos oitos anos.

Uma destas coisas vai acontecer:
um cachorro late,
um menino chora ou grita,
ou alguém chama do interior da casa:
'O café está pronto'.
Aí, então, o gerúndio se recolhe
E você recomeça a existir.

(PRADO, 1991, p. 104)

Através da leitura desse poema, obsevamos que em seu início é relatado um episódio onde um diálogo ocorre em um quarto entre o eu-lírico e sua tia. Os versos nos fazem supor que se trata de um momento trivial: *Você conversa com uma tia, num quarto. / Ela frisa a saia com a unha do polegar*, e, como mudança do cotidiano, a tia instaura uma compreensão do tempo para o eu-lírico através da seguinte exclamação: *Assim também, Deus me livre*. Após esses três primeiros versos, o espaço onde ocorre o cotidiano perde sua conotação de banal, porque é invadido pelo *insight* de compreensão do tempo mediante o que foi exclamado pela tia que havia frisado simplesmente uma saia.

O cenário onde uma tia que estava conversando e que frisa uma saia com um polegar se irrompe após: *Assim também, Deus me livre*. A partir da apreensão dessa exclamação, os versos posteriores sugerem o aparecimento de um momento em que a consciência da poeta percebe a presença da divindade: *De repente acontece o tempo se mostrando, / espesso como antes se podia fendê-lo aos oitos anos*. Após a exclamação, instaura-se um momento de lapso atemporal provocado pela hierofania que se revelou por meio de uma exclamação que impacta o eu-lírico. O tempo e o espaço convergem por causa dessa exclamação.

A exclamação provoca o *insight* de consciente da hierofania e *De repente acontece o tempo se mostrando*, mas ele (o tempo) se mostra gradativamente denso, de difícil desvelamento, diferentemente de quando, mesmo sendo espesso o tempo, era possível abrir brechas para sua revelação quando era criança, mais precisamente aos oitos anos de idade. Esse *insight* provoca ainda possíveis premonições mescladas com uma assertiva ontológica do eu-lírico: *Uma destas coisas vai acontecer: / um cachorro late, / um menino chora ou grita, / ou alguém chama do interior da casa: / 'O café está pronto'. / Aí, então, o gerúndio se recolhe / E você recomeça a existir*.

O segundo poema tem por título *O pelicano*, ele pertencente à obra com o mesmo título, publicado pela primeira vez em 1987. Embora reconheçamos que o pelicano é uma ave

com seus atributos catalogados pela biologia, como símbolo religioso ele tem um significado aliado à compreensão de eucaristia proposto pelo catolicismo.

O pelicano é tipo de ave que possui uma bolsa membranosa no qual armazena comida, tanto para si mesmo como para seus filhotes. Além dessa característica, outros elementos começaram a fazer parte da narrativa que o tornou um símbolo religioso, como por exemplo, a ideia de que essa ave, quando não tinha mais alimento em suas bolsas, acabavam alimentando as suas crias com o seu próprio sangue, e também por se acreditar que quando o pelicano fica doente carrega em si uma marca vermelha no peito. Para Giovane Saraiva (2009), através desses atributos o pelicano acabou tornando-se um símbolo da paixão de Jesus, da eucarística e da autoimolação. Antes de continuarmos a oferecer considerações respeito do poema, vamos a ele:

Um dia vi um navio de perto.
Por muito tempo olhei-o
com a mesma gula sem pressa com que olho Jonathan:
primeiro as unhas, os dedos, seus nós.
Eu amava o navio.
Oh! eu dizia. Ah, que coisa é um navio!
Ele balançava de leve
como os sedutores meneiam.
À volta de mim busquei pessoas:
olha, olha o navio
e dispus-me a falar do que não sabia
para que enfim tocasse
no onde o que não tem pés
caminha sobre a massa das águas.
Uma noite dessas, antes de me deitar
vi – como vi o navio – um sentimento.
Travada de interjeições, mutismos,
vocativos supremos balbuciei:
Ó Tu! e Ó Vós!
– a garganta doendo por chorar.
Me ocorreu que na escuridão da noite
eu estava poetizada,
um desejo supremo me queria.
Ó Misericórdia, eu disse
e pus minha boca no jorro daquele peito.
Ó amor, e me deixei afagar,
a visão esmaecendo-se,
lúcida, ilógica,
verdadeira como um navio.

(PRADO, 1991, p. 359)

Nos versos do poema *Pelicano*, observamos dois cenários sendo descritos após uma compreensão intensa. Dois episódios que, embora de perspectivas diferentes, convergem para uma mesma compreensão dos fatos através do acesso ao mistério. Nesse sentido, procuramos destacar primeiramente as considerações do primeiro cenário, depois o segundo, e por fim propor uma visão geral de ambos.

O primeiro descreve um momento da vida no qual o eu-lírico se deparou por um logo período olhando detalhadamente um navio: *Um dia vi um navio de perto. / Por muito tempo olhei-o.* Os versos posteriores apontam um tipo de igualação entre essa experiência de olhar o navio com uma ocasião de admirar as mãos de um personagem: *com a mesma gula sem pressa com que olho Jonathan: / primeiro as unhas, os dedos, seus nós.* O mesmo prazer de contemplar sem pressa as unhas, os dedos e os nós dos dedos de Jonathan é associado com o ato de olhar o navio com intensa vontade, repleta de paciência. Após a comparação da contemplação feita da observância das mãos de Jonathan e o navio, o verso posterior revela a compreensão: *Eu amava o navio.*

Maravilhada pela cena que via, interjeições de admirações aparecem nos próximos versos que descreve o quanto ela se sentia seduzida por aquela visão: *Oh! eu dizia. Ah, que coisa é um navio! / Ele balançava de leve / como os sedutores meneiam.* O navio despertava a fascinação do eu-lírico, logo, a contemplação do mesmo possibilitou um entendimento significativo que a impulsionou a buscar ou procurar por pessoas para que essas também pudessem ver o objeto de sua admiração: *À volta de mim busquei pessoas: olha, olha o navio.* Nessa busca para que os outros olhassem o navio, ela acabou proferindo coisas as quais não conhecia: *e dispus-me a falar do que não sabia / para que enfim tocasse / no onde o que não tem pés / caminha sobre a massa das águas.*

Nesses três últimos versos, a poeta faz suas últimas descrições da observação sobre o navio: *para que enfim tocasse / no onde o que não tem pés / caminha sobre a massa das águas.* Esse navio, que meneava sobre as águas e despertava interjeições provocadas pela contemplação do mesmo, pode ser transportado para a alusão ao mistério de Jesus ter caminhado pelas águas. Essa especulação sugestiona o fato de o navio ter possibilitado ao eu-lírico acessar a compreensão desse mistério do cristianismo, e, por isso, suas falas teriam se tornado incompreensíveis: *e dispus-me a falar do que não sabia.*

O segundo cenário do poema *Pelicano* se inicia com uma rápida descrição de um episódio noturno no qual, antes se de deitar, o eu-lírico se depara com um sentimento tão

visível no sentido de concretude, que, para assegurar a materialização desse sentimento, ela o compara com a mesma visão do navio: *Uma noite dessas, antes de me deitar / vi – como vi o navio – um sentimento*. A visão concreta na qual se apresentava esse sentimento provocou interjeições e vocativos de admiração ao perceber do que se tratava aquele momento intenso que a fez chorar muito, tanto que sua garganta passou a doer: *Travada de interjeições, mutismos, vocativos supremos balbuciei: / Ó Tu! e Ó Vós! / – a garganta doendo por chorar*.

Os próximos versos apontam para a compreensão de que aquele momento repleto de interjeições e vocativos haviam provado. Naquela noite, um estado de *poiesis* — que também poderíamos associar a um momento de compreensão, já que a poesia seria um meio de compreender as coisas — havia incidido sobre a poeta que se sentia seduzida por um soberano desejo que a atraía: *Me ocorreu que na escuridão da noite / eu estava poetizada, / um desejo supremo me queria*. Essa compreensão súbita é sucedida pela seguinte ação: *Ó Misericórdia, eu disse / e pus minha boca no jorro daquele peito. / Ó amor, me deixei afagar, / a visão esmaecendo-se, / lúcida, ilógica, / verdadeira como um navio*.

Os últimos versos já descrevem o final da experiência do segundo cenário: eles revelam uma entrega àquele momento que havia sido despertado por um sentimento concreto que a poeta reconhece como sendo divino. Observamos isso pelos pronomes contendo suas primeiras letras grafadas em maiúsculo: *Tu e Vós*. Ao reconhecer o que se tratava de repente, também ela se percebe poetizada, ao mesmo tempo em que compreendia um desejo supremo desejando-a. Mediante isso, mais uma vez reconhece o que se tratava aquele momento: *Ó Misericórdia*. Aquela revelação de um sentimento no qual consciente do que se tratava fez com que a poeta desejasse ser afagada por uma visão que ia desaparecendo, lúcida e ilógica, tão concreta como um navio.

O verso *e pus minha boca no jorro daquele peito* sugere uma alusão da representação do coração sagrado de Jesus Cristo através do símbolo do pelicano. Entre as narrações dessa representação, podemos observar o episódio de que teria jorrado água e sangue do coração de Jesus na hora da crucificação. Alguns textos cristãos fazem referências à manifestação do sagrado coração de Jesus, como por exemplo, *Maria do Divino Coração* (1863—1899). Também podemos encontrar a admiração a esse símbolo religioso em Teresa d'Ávila, Francisco de Assis e outros.

O poema *Pelicano* pode nos transportar para dois cenários onde podemos observar a experiência com poesia e com a mística de uma forma entrelaçada. Esses cenários apontam a

capacidade de contemplar e obter compreensões reveladoras. No primeiro momento do poema, o navio, enquanto objeto do trivial, é contemplado e compreendido mediante a revelação incidida pela divindade. Na segunda parte, um sentimento se desvela em concretude, sem aparatos de objetos (como o navio), ele próprio se revela da forma que é. Esse momento (*vi – como vi o navio – um sentimento*) que podemos associar com a hierofania que se desvela e deixa a poeta com a consciência do que ocorreu. Essa hierofania, sendo um *totalmente Outro*³, desperta na poeta compreensões do mistério que é esse Deus sem as representações simbólicas do mesmo. Paradoxalmente, são necessários símbolos para representá-Lo durante uma comunicação para as outras pessoas; no caso do poema, o título *Pelicano* contém essa sábia representação.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos breves reflexões sobre estudo da mística por meio de algumas contribuições de Michel de Certeau, Henrique Vaz, Bernard McGinn e Juan Velasco. Tendo como base esses pesquisadores, proporcionamos alguns versos e uma entrevista de Adélia Prado, visando compreender a relação entre mística e poesia. Por meio dos poemas — *Epifania* e *Pelicano* —, nossas ambições eram desenvolver uma discussão a respeito dessa relação. A partir desses apontamentos, oferecemos compreensões sobre a presença do divino (como um *Outro* enquanto alteridade) em meio a situações do cotidiano.

De uma forma geral, as contribuições tanto De Certeau, Vaz e McGinn seguem para a mesma lógica em se tratando de permitir que o místico, ou quem experimentou experiências inefáveis, ou ainda, as pessoas que detêm produções de caráter místico, devem ganhar um lugar de destaque nos estudos sobre mística. Em vez de procuramos categorias que melhor descreveriam a mística, deveríamos partir do que o místico está dizendo da sua experiência; no caso das pesquisas de McGinn, ele se validou da compreensão “consciência da presença divina” (MCGUINN, 2012, p. 13). No nosso artigo, procuramos ceder espaço para algumas contribuições da poeta Adélia Prado a respeito de sua experiência com a poesia e a compreensão que a poeta tem da realidade.

³ Cf. OTTO, Rudolf. *O Sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis: Vozes, 2007.

Uma pedra, um diálogo trivial e um navio deixam de ser simplesmente o que são por meio da poesia. Isso ocorre mediante a permissão da deidade que compreende tudo e todos a partir de suas reais formas, formas essas que são misteriosas à humanidade. Deus (como sendo uma alteridade — *Outro*) ofereceria à Adélia a poesia como instrumento que ajudaria compreender o Ele revela (*diz*) sobre as coisas. Essa revelação seria de fácil apreensão cognitiva para o sujeito-religioso (a poeta) e de difícil comunicação. No entanto, a poesia parece ser um espaço que agrega o esforço de dizer o indizível através da linguagem simbólica.

Ao refletirmos que a poeta compreende as coisas por meio da poesia, Deus como uma alteridade ofereceria que ela acessasse o mistério. Nesse sentido, a poeta produz uma *poética-sobre-o-Outro* (Deus), porque ela é consciente dessa presença independentemente de onde Ele possa se revelar, seja por meio do diálogo com uma pessoa, por meio de um navio, como é o caso dos poemas *Epifania* e *Pelicano*. Mas existem também outros poemas dos quais poderíamos elencar mais informações. Destacamos alguns versos e apenas dois poemas; isso já revela que existem outras formas de lidar com a poética de Adélia Prado por meio das reflexões dos estudos de mística.

Poderíamos ter recorrido ao aprofundamento do tema da mística e sua relação com a poesia, mas essa questão demandaria mais espaço e nos levaria a outros patamares de discussões, onde esbarraríamos com as instâncias do universo da linguagem, como por exemplo, signos, símbolos, metáforas etc. Realizar tal empreendimento nos desviaria do propósito deste artigo.

Para finalizamos, é importante reconhecer que ainda há muito o que se pesquisar, pois existem inúmeros relatos de indivíduos que já relataram experiências de contemplação, admiração, acesso ao mistério e compreensão da presença de uma divindade a partir de diferentes tradições religiosas. Nesse sentido, essa característica nos faz pensar que assim como a mística consegue escapar das delimitações que impomos com o propósito de melhor abordá-la, o tema discutido neste artigo segue a mesma lógica.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1982.

_____. *A Fábula Mística*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

MCGINN, Bernard. *As fundações da Mística: das origens ao século V*. São Paulo: Paulus, 2012.

MIRCEA, Eliade. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. *Oráculos de Maio*. São Paulo: Siciliano, 1999.

_____. Adélia. *Poesia e Mística: Um dedinho de prosa com Adélia Prado*. Entrevista concedida à Revista Teoliterária, v. 1 n. 1, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22946>>. Acesso em: fevereiro 2017.

SARAIVA, Geovane. *O pelicano e a Eucaristia*. In O Arcanjo no ar Paróquia de São Miguel Arcanjo (2009). Disponível em: <<http://www.oarcanjo.net/site/index.php/reflexao/o-pelicano-e-a-eucaristia/>>. Acesso em: fevereiro 2017.

VAZ, Henrique de Lima. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. São Paulo: Loyola, 2015.

VELASCO, Juan Martin. *La experiência mística, estudio interdisciplinar*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.